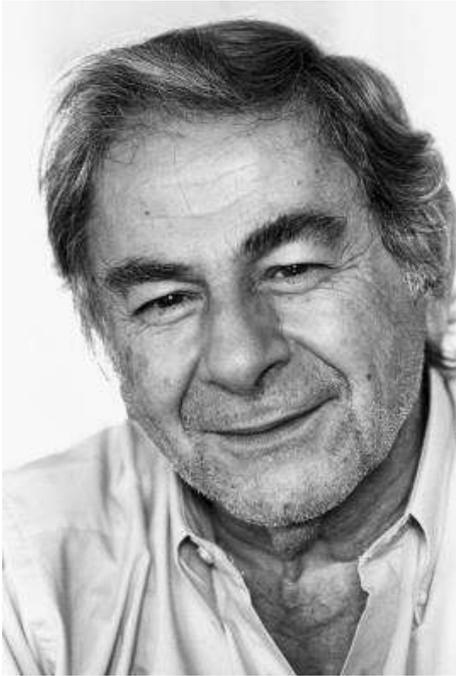


DUAS DE LETRA  
GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Setembro 2019

GUIA DE LEITURA

**Lavoura Arcaica – Raduan Nassar**

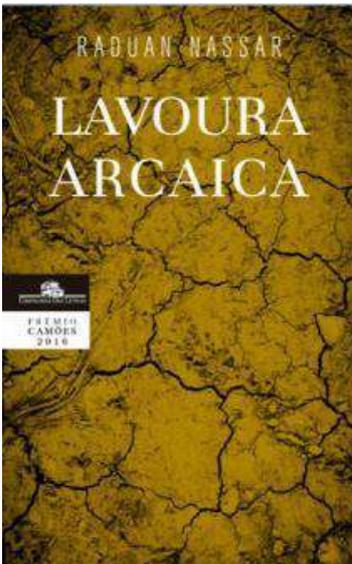


### **Raduan Nassar**

**Biografia:** Nasceu em 1935 em Pindorama, onde passou a infância. Na adolescência foi para São Paulo com a família onde frequentou o curso de direito e filosofia na Universidade de São Paulo (USP). Estreou-se na literatura no ano de 1975, com o romance *Lavoura Arcaica*. Em 1978 foi publicada a novela *Um Copo de Cólera*, que fora escrita em 1970. Em 1997 foi publicada a obra *Menina a caminho*, reunindo seus contos dos anos 1960 e 1970. Com apenas três livros publicados é considerado pela crítica como um grande escritor e comparado a nomes consagrados da literatura brasileira, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Tudo isso graças à extraordinária qualidade da sua linguagem e à força poética da sua prosa. Cultuado por um pequeno círculo de leitores, Raduan tornou-se mais conhecido pelo público

em geral com as versões cinematográficas de *Um copo de cólera* e *Lavoura arcaica*. Após a sua estreia na literatura, deixou de escrever em 1984, e mudou-se para seu sítio em sua cidade natal. Atualmente mora na cidade de Buri, no interior de São Paulo. Em 2010, anunciou a doação de uma fazenda de 643 hectares em Buri para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A fazenda Lagoa do Sino tornou-se sede do quarto campus da UFSCar, inaugurada em março de 2014. Tem livros traduzidos em Espanha, França e Alemanha e é considerado um dos maiores estilistas da língua portuguesa. Venceu em 2016 o Prémio Camões.

### **Sinopse de *Lavoura Arcaica*:**

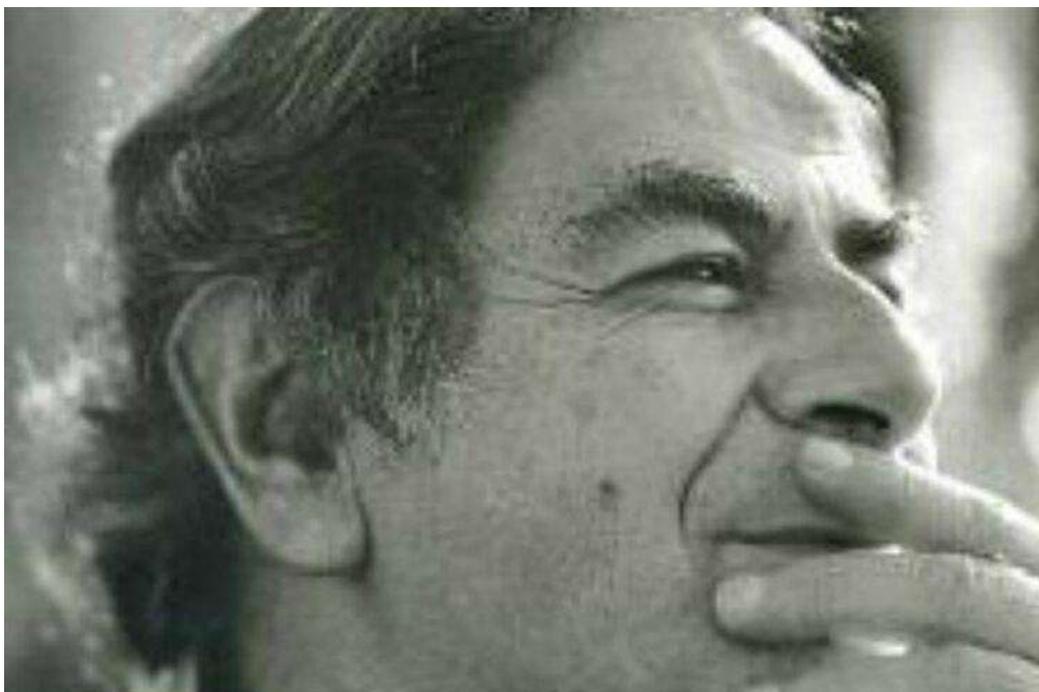


*Lavoura Arcaica* é o primeiro romance escrito por Raduan Nassar, e narra a história de André, um jovem do meio rural arcaico que resolve abandonar sua numerosa família do interior para ir morar numa pequena cidade (ainda no interior), fugindo da vida asfixiante da lavoura, da rigidez moral de seu pai, e de sua paixão incestuosa pela irmã Ana. Nesse conflito de visões de mundo, que está no centro da (des)ordem da lavoura, se desdobram temporalidades que tensionam o existir do protagonista. É por meio da perversão do discurso paterno, uma mistura entre os sermões árabes do Avô (falecido antes do iniciar da obra) e a imagética bíblica, que André intenta alcançar maneiras de se fazer sujeito nas fissuras do ordenamento patriarcal. Na narração André "apresenta suas reminiscências de forma fragmentada, não sendo possível identificar o tempo da narrativa, bem como não se pode identificar o local onde se passa tal história". Sendo assim, o romance trágico de Nassar trata da maneira em que sempre carregamos conosco, no nosso ser, as características herdadas do meio

em que nascemos, em toda sua carga emotiva e contraditória concernente. Publicado em 1975 pela Livraria José Olympio Editora, o romance tornou-se mais conhecido com a versão cinematográfica realizada em 2001 por Luiz Fernando Carvalho.

Prémio Camões

## Raduan Nassar, o escritor que prefere a agricultura "arcaica"



30 Maio 2016 às 20:52

**Autor de referência para muitos brasileiros, especialmente pelo livro "Lavoura Arcaica", Raduan Nassar nasceu em 1935, no Estado de São Paulo, é filho de libaneses, estudou direito e filosofia, mas foi a literatura que o celebrou.**

A partir de hoje com um Prémio Camões, cujo júri justificou a escolha, com a sua promoção da consciência política e social, contra o autoritarismo, Nassar publicou o primeiro livro, o romance "Lavoura Arcaica", em 1975, e, três anos depois, a novela "Um copo de cólera". As duas obras seriam posteriormente adaptadas ao cinema. Em 1997 publicou uma coletânea de contos, "Menina a caminho".

Hoje, com 80 anos, os últimos retirado e praticamente sem dar entrevistas, a obra do autor é curta, mas as edições e traduções, especialmente de "Lavoura Arcaica" e "Um copo de cólera", não param de crescer.

Segundo a imprensa brasileira, no ano em que completou 80 anos, em 2015, Raduan desligou o telefone para não ser importunado e para ficar sossegado, como ficou nas últimas três décadas, não tendo voltado a escrever qualquer outro romance.

Filho de libaneses que emigraram para o Brasil nos anos de 1920, e se estabeleceram em Pindorama (São Paulo), foi aí onde iniciou os estudos, passando depois a viver com a família, na cidade vizinha de Catanduva e, mais tarde, na capital do Estado, em São Paulo.

Aos 20 anos, entrou para a Faculdade de Direito e de Letras mas, dois anos depois, mudou para Filosofia, curso que interrompe para viajar para os Estados Unidos e Canadá (e mais tarde Alemanha e o Líbano, já após o fim do curso). Aos 32 anos a sua primeira incursão na escrita, fundando com alguns dos irmãos o "Jornal do Bairro".

O romance que o celebrou, "Lavoura Arcaica", começou a ser esboçado por essa altura, em 1968, mas só seria concluído seis anos depois.

Haveria de passar mais uma década e, em 1978, Raduan Nassar, o sétimo filho dos libaneses Nassar e Cassis, mudava de vida e comprava uma fazenda, dedicando-se à agricultura, atividade que mantém até hoje. Antes do jornal já tinha sido criador de coelhos.

Em Portugal, Raduan Nassar foi publicado apenas em 1999, quase 23 anos após a edição de "Lavoura Arcaica", quando a novela surgiu no catálogo da Relógio d'Água, com um estudo de Sabrina Sedlmayer.

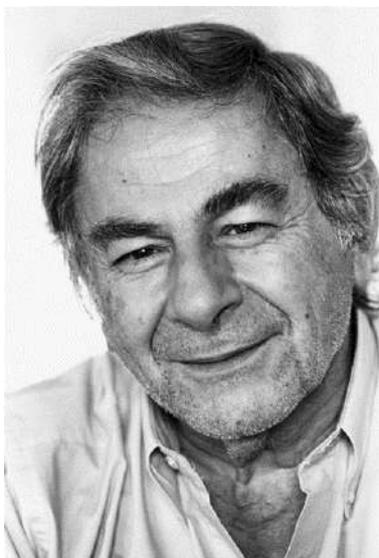
Seguiu-se, pouco depois, em 2000, a coletânea de contos "Menina a caminho", na editora Livros Cotovia, que, em 2003, recuperaria o autor para a antologia de contos "Fotografia de grupo", de vários autores.

A partir de então, os prêmios à sua pouca obra multiplicaram-se (em 1976, "Lavoura Arcaica" ganhou logo o prêmio de Romance da Academia Brasileira de Letras) e os livros foram traduzidos em espanhol e francês, italiano, alemão e inglês, já este ano.

Recebeu ainda o prêmio Ficção para "Um copo de cólera", e o prêmio Jabuti Revelação, da Câmara Brasileira do Livro, pela obra de estreia, entre outras distinções.

Mas, sobre a fama, pouco se parece importar, mantendo-se leal ao campo e, se calhar, à "lavoura arcaica", raramente dando entrevistas ou aparecendo em público. E, hoje, se calhar, lá desligou de novo o telefone.

# A reclusão de Raduan Nassar acaba onde começa o fascismo



Um dos maiores escritores brasileiros vivia retirado da vida pública há três décadas, dedicado à agricultura numa quinta no interior de São Paulo. A chegada de Temer e a ameaça do autoritarismo de Bolsonaro obrigaram-no, porém, a tomar partido, “dê no que der”.

João Ruela Ribeiro , em São Paulo  
22 de Outubro de 2018, 7:00

Raduan Nassar apelida, sem contemplações, Bolsonaro de “fascista” DR

Enquanto aquece pacientemente a água para o café, recusando toda e qualquer ajuda, Raduan Nassar lança um aviso: “Não sou filiado em nenhum partido político, mas tenho de me posicionar.” “Todos temos”, acrescenta rapidamente. Não é fácil definir Nassar. Não foi com um escritor que conversámos – há décadas que deixou de o ser, insiste. Não é um especialista, nem professor, nem jornalista ou analista. O mais correcto seria apresentá-lo como um agricultor reformado. E um brasileiro apreensivo e, aos 82 anos, [incrédulo com o que o rodeia](#). Quem o conhece minimamente sabe que odeia a exposição pública, mas o conturbado momento que o Brasil tem atravessado obriga-o a deixar a sua confortável solidão.

Nassar recebe o PÚBLICO numa manhã soalheira de sábado, na sua casa em Vila Madalena, um bairro de ruas limpas e bem cuidadas de São Paulo, conhecido pela cultura boémia. Parece um refúgio de calma no ritmo alucinante do trânsito e do barulho da megametrópole, mas Nassar diz que o barulho de bares e restaurantes próximos o incomodam. A busca pela reclusão parece ser uma constante na biografia de Raduan Nassar.

Em 1984, com 48 anos, e depois de dois livros publicados e aclamados, Nassar anuncia numa entrevista à *Folha de São Paulo* que iria abandonar a escrita e dedicar-se à agricultura, apanhando o país de surpresa. E foi isso que fez nas três décadas seguintes, depois de comprar uma quinta chamada Lagoa do Sino, no interior do estado. Para trás ficava uma passagem pelo jornalismo, no *Jornal do Bairro*, que fundou com o irmão. O pendão era claramente de esquerda, o que, em plena ditadura militar, valeu a Nassar duas chamadas pelos serviços de informação. “Felizmente não aconteceu nada de grave”, lembra.

Nassar deixou também uma obra curta, mas intensa. Bastaram-lhe dois romances para que fosse elevado ao panteão literário brasileiro, ao lado de Jorge Amado, Guimarães Rosa ou Clarice Lispector. Em 1975, publicou *Lavoura Arcaica* (Companhia das Letras), a história de um jovem que foge da casa da família atormentado pela paixão que sente por uma das irmãs. No ano seguinte recebe o prestigiado Prémio Jabuti e o prémio Coelho de Neto, da Academia Brasileira de Letras. Em 1978, sai *Um Copo de Cólera* (Companhia das

Letras), um curto romance que mostra a progressão de uma discussão entre um casal, da perspectiva do homem.

### **Tudo, menos literatura**

A pena de Nassar não foi mais usada desde então – foi apenas publicada em 1995 *Menina a Caminho* (Companhia das Letras), uma compilação de contos. A sua vida passou a ser dedicada à terra, às sementes, ao ciclo do sol e das chuvas, aos pomares e às colheitas. É quando fala sobre a quinta que os seus olhos mais se acendem. A literatura foi outra vida, que não importa mais. Quando concedeu a entrevista, Nassar apontou apenas uma regra: que se fale de tudo, menos dos seus livros.

Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais interventivo na vida pública, encarnando um crítico feroz do processo de destituição de Dilma Rousseff, da prisão de Lula da Silva e da governação de Michel Temer. Em Fevereiro do ano passado, quando foi receber o Prémio Camões – cuja entrega o surpreendeu – fez um discurso duríssimo contra o “Governo repressor” de Temer. Um Governo “contra o trabalhador, contra aposentadorias criteriosas, contra universidades federais de ensino gratuito, contra a diplomacia activa e altiva de Celso Amorim” [ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de Lula], afirmou. O ministro da Cultura, Roberto Freire, utilizou o seu discurso em seguida para responder às críticas de Nassar, chamando-o de “adversário político”, ouvindo vaias do público. Na altura, Jair Bolsonaro, o candidato de extrema-direita que pode estar perto de se tornar no próximo Presidente do Brasil, estava longe de dominar a discussão pública, como acontece hoje. Nassar diz que “o Governo de Temer foi desastroso” e que houve políticas que podem ser consideradas de “lesa-pátria”, como a abertura da exploração das grandes reservas de petróleo e gás no litoral do Brasil, o chamado “pré-sal”, à iniciativa privada. “Mas o que pode vir aí é ainda pior”, afirma, referindo-se a Bolsonaro, que apelida, sem contemplações, de “fascista”.

Um dos principais receios de Nassar são os planos de Bolsonaro para as instituições de ensino superior, que diz poderem passar pela “privatização de universidades públicas”. O programa do candidato do Partido Social Liberal promove uma grande redução das despesas públicas e, embora não refira directamente a privatização de universidades, sugere “parcerias com a iniciativa privada” e o desenvolvimento de “novos produtos”. Para Nassar, trata-se de uma questão pessoal. Em 2010, decidiu doar a sua quinta à Universidade Federal de São Carlos, para que servisse como um dos *campus* da instituição. Na altura, as políticas de Lula da Silva para o ensino superior deram-lhe alento para a decisão.

“Durante o Governo do Lula, quando o [actual candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores, Fernando] Haddad era ministro da Educação, ele fez uma verdadeira revolução. Foram admitidos estudantes negros, havia quotas para indígenas”, lembra com entusiasmo. Com Bolsonaro chega a incerteza sobre o seu projecto. “Se tentarem privatizar, terei de entrar com um advogado, porque isso é inaceitável”, afirma.

### **“Massa dos governados”**

Em *Um Copo de Cólera*, a certa altura, uma das personagens declara: “Ofendido e humilhado, povo é só, e será sempre, a massa dos governados.” Recordamos essa passagem e de imediato Nassar dá conta da prevaricação. “Estava proibido de falar sobre literatura.” Após alguma insistência, admite que continua a acreditar nisso, mas faz uma importante ressalva, com inevitáveis ressonâncias nos dias de hoje. “Há situações

diferentes. O povo sendo governado num certo regime ou noutra regime, eles não coincidem. Tudo depende de como se é governado.”

Ao longo de toda a conversa, Nassar pontua as suas respostas com demonstrações de incredulidade pelo que se passa no seu país. “É inacreditável”, diz em várias ocasiões. Custa-lhe cada vez mais a ler, mas tem acompanhado de perto todos os episódios da campanha eleitoral. “Diariamente vou à Internet para saber o que tem acontecido”, conta. Mas não se limita a assistir.

Tem escrito artigos para jornais e participado em acções de oposição ao ex-capitão do Exército Bolsonaro. “Nunca me demiti”, afirma. Defende que em tempos áspersos, não são apenas os escritores – algo que não se considera – ou os intelectuais que devem assumir uma responsabilidade de denúncia. “Qualquer cidadão tem de ter as suas posições, mesmo correndo riscos.”

Acredita que a vitória de Bolsonaro irá trazer “perseguição” a quem pensa de forma diferente, mas não pretende desviar-se do seu activismo. “Vou continuar com as minhas posições. Dê no que der”, acrescenta. Manifesta, porém, muitas dúvidas sobre a possibilidade de mudar a opinião dos apoiantes de Bolsonaro através do diálogo. Falou com um sobrinho que se inclinava para o candidato de extrema-direita que lhe respondeu dizendo que “vai ver”. “Esse 'vou ver' já estava decidido no Bolsonaro”, conclui.

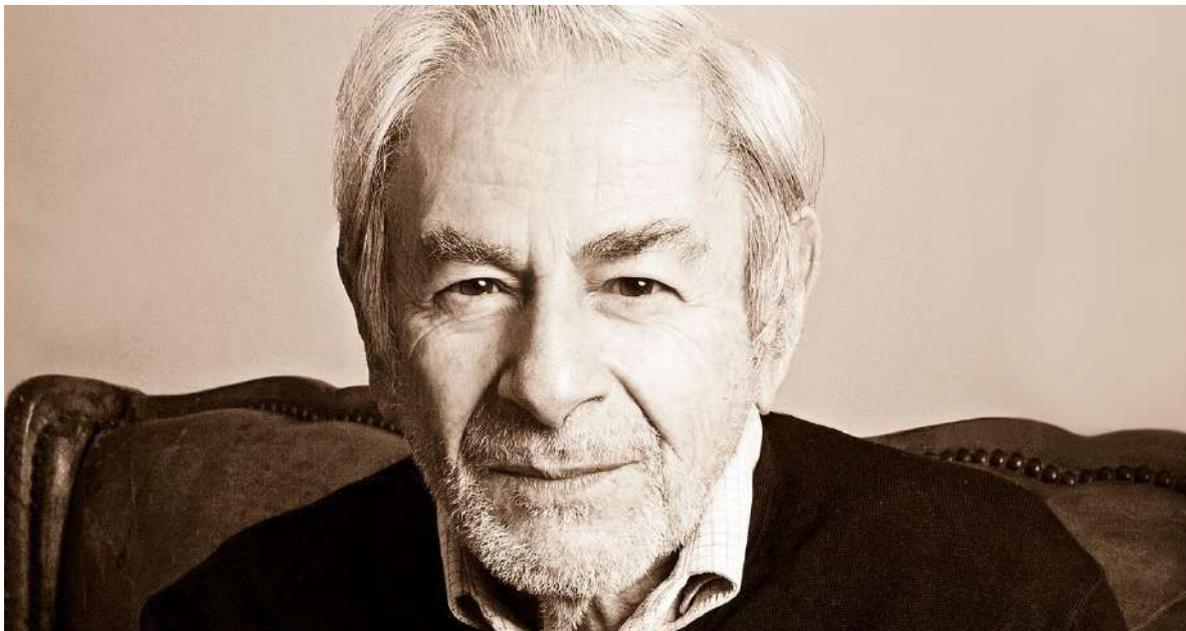
### **Como a esquerda brasileira decidiu perder as eleições**

Nassar não tem receio de se assumir, na verdade defende que todos os cidadãos o devem fazer. Mas o enigma sobre aquilo que o define mantém-se. Jornalista, escritor, agricultor, activista político. No final da entrevista aproveita o sol para descer ao passeio em frente ao prédio. Detém-se na árvore mais próxima: “É uma pitangueira”, informa. Tira três frutos e prova-os. “Ainda não estão maduros.”

# Raduan Nassar: O Brasil não escapa da convulsão social

Manuel da Costa Pinto

5 de junho de 2017



*Raduan Nassar em seu apartamento em Pinheiros (Foto Juan Esteves)*

Quem quer encontrar [Raduan Nassar](#) tem de ir até Pindorama. Não a cidade natal do escritor, no interior de São Paulo, mas o edifício que traz esse nome na fachada, no bairro da Vila Madalena. O prédio foi construído por familiares de Raduan e assim batizado em homenagem ao município. Foi ali, num espaço que não é demasiado amplo, tampouco acanhado – um típico apartamento de classe média paulistana – que o autor de *Lavoura arcaica* nos recebeu.

A concordância de Raduan com esse encontro foi, por si só, motivo de surpresa. Desde que declarou ter abandonado a literatura, em 1984, para alternar seu cotidiano entre a casa de São Paulo e sua fazenda Lagoa do Sino, em Buri (SP), ele recusou convites para participar de eventos literários (como a Feira do Livro de Frankfurt de 2013, que teve o Brasil como país homenageado), honrarias (como as que lhe foram oferecidas pelo Ministério da Cultura dos governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula, de quem é próximo) e, sobretudo, entrevistas.

Não é uma recusa radical. Nesses mais de trinta anos de abstinência, Raduan concedeu uma longa entrevista aos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles (que em 1996 dedicou a ele a segunda edição dessa publicação monográfica) e esteve em alguns poucos encontros públicos, como a Balada Literária de 2012, quando, a convite do escritor Marcelino Freire, participou de uma mesa com Luiz Fernando Carvalho, diretor que em 2001 adaptou *Lavoura arcaica* para o cinema.

Mais recentemente, Raduan aceitou o Prêmio Camões, atribuído anualmente a um escritor de língua portuguesa e considerado o Nobel de literatura do mundo lusófono. Foi um ruidoso retorno à cena literária: durante a cerimônia de entrega, ocorrida no dia 17 de fevereiro, no Museu Lasar Segall, Raduan fez críticas abertas ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff, à “violência contra a oposição democrática” e à nomeação que,

naquele momento, levava ao Supremo Tribunal Federal o ministro da Justiça Alexandre Moraes (descrito por Raduan como “figura exótica”).

Presente ao evento, o então ministro da Cultura Roberto Freire rebateu, dizendo que um governo golpista ou autoritário não teria concedido a um opositor como Raduan um prêmio promovido pelos governos de Brasil e Portugal. Foi o suficiente para que uma plateia composta de intelectuais, escritores e personalidades do mundo editorial protagonizasse um bate-boca com o ministro, enquanto o premiado permanecia recluso em sua indignação.



Baile de carnaval em Pindorama, na década de 1940, no qual três irmãos da família Nassar aparecem fantasiados: Rames (na primeira fileira, o segundo da esquerda para a direita); Raduan (ao lado) e Raja (centralizado, na fileira de trás). Foto cedida com exclusividade pelo escritor a Revista CULT

“Pus o bucho pra fora, mas parece que o pessoal gostou do meu pronunciamento”, ri Raduan, justificando que, logo em seguida, tenha sido convidado para o lançamento do projeto Brasil Nação, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em abril.

O projeto, capitaneado pelo economista e ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, consiste num manifesto com mais de dez mil subscritores que critica uma política que beneficia o capitalismo financeiro e rentista, reivindicando medidas concretas contra a desigualdade e a concentração de renda – como redução da taxa básica de juros e reforma tributária com adoção de impostos progressivos.

O documento traz assinaturas de escritores como Luis Fernando Verissimo, Bernardo Kucinski, Maria José Silveira e Marcelo Rubens Paiva. Mas, no vídeo do evento disponível no canal Youtube, é Raduan Nassar quem está no centro da mesa, ao lado de Bresser, do ex-chanceler Celso Amorim e da jornalista Eleonora de Lucena. Entretanto, ele é o único que permanece calado em meio às intervenções de vários intelectuais e políticos (entre eles, Luiz Gonzaga Belluzzo, Eduardo Suplicy e Ciro Gomes).

Parece ser essa sua tônica dominante: Raduan não fala; quando fala, é para falar de política. Não foi diferente no encontro com a CULT. Com a hospitalidade mediterrânea característica de suas raízes libanesas, o escritor serviu sucessivas rodadas de café e bolo caseiro preparados para a entrevista de mais de três horas, tendo ao fundo, como trilha sonora, a programação da Cultura FM, rádio especializada em música erudita. Raduan avisou que não trataria de literatura – mas manteve o tempo todo um sorriso de quem adivinha que, em algum momento, seus interlocutores cairiam na tentação de fazer a

pergunta fatal: por que parou de escrever, apesar da ampla recepção crítica e da consagração pública de livros como *Lavoura arcaica* e *Um copo de cólera*?

A pergunta veio. Mas não de saída, só depois de alguns cigarros. Prestes a completar 82 anos, Raduan continua fumando e fica contente em estar conversando com outros dois fumantes – o que acaba por adensar o ar do escritório, num dos cantos da sala avarandada de seu apartamento.

Começamos, então, pela política: “Esse governo em exercício está com um poder repressor incalculável. Mas chega uma hora em que o trabalhador não aguenta. Acho que o Brasil não escapa da convulsão social – a menos que o Lula venha a se candidatar”. Raduan nunca escondeu sua proximidade e sua admiração por Lula, elogia programas sociais como o Luz para Todos – que, em suas palavras, “levou eletricidade por centenas de quilômetros aos moradores do sertão nordestino e do norte do País”. Manifestou seu apoio à presidenta deposta num encontro de intelectuais e artistas realizado no Palácio do Planalto em março de 2016, e deu seu contundente apoio ao ex-presidente Lula no artigo “Cegueira e Linchamento”, publicado na Folha de S. Paulo, em 20 de agosto de 2016.

Em seguida, ele mostra no computador um vídeo em que Roberto Requião, ex-governador do Paraná e relator do projeto que pune o abuso de autoridade, critica o “afã de paladino” de Sérgio Moro, o juiz da operação Lava Jato. A intervenção de Requião aconteceu por conta da condução coercitiva de Lula a um depoimento à Polícia Federal. Raduan engrossa o coro contra o poder judiciário, e aos juízes do Supremo Tribunal Federal:

“O Supremo propiciou o golpe, porque [Eduardo] Cunha já era réu e eles [os juízes] mesmo assim não interferiram. Deviam ter se detido na tipificação do processo contra Dilma, nas pedaladas fiscais. Não fizeram nada, tudo isso foi armado pelo Judiciário. Há poucos dias, Temer deu entrevista para a Band em que diz que Cunha tinha falado para ele que não ia instaurar processo de impeachment e que ele, Temer, tranquilizou Dilma. Mas aí três parlamentares do PT votaram a não inclusão de Cunha na comissão de ética e ele mudou de opinião. Acontece que, depois, Cunha declarou que não foi bem assim, que ele falou ao Temer que ia instaurar o processo e Temer disse: ‘Vai em frente’. Isso passa em branco pela imprensa”.

Ao falar do Judiciário, da imprensa, da ambiguidade e das trocas de favores que marcam a vida política, o tom de Raduan é de indignação e lamento: “Esse governo agonizante está numa situação precaríssima e faz a anistia de uma dívida gigantesca do Itaú. É muito triste o que está acontecendo com o Brasil” – diz ele, em referência à decisão favorável ao Itaú no processo de cobrança de mais de R\$ 20 bilhões de tributos devidos quando da fusão com o Unibanco.

Raduan Nassar – que em 2011 doou sua fazenda ao Governo Federal, que vinculou a doação à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para implantação de um *campus* com ênfase na agricultura sustentável – atribui sua consciência política ao pai, João Nassar, um libanês de origem síria, cuja família migrara ao Líbano cerca de duzentos anos antes de seu nascimento. “O Líbano estava sob a brutalidade da ocupação otomana, e meu pai vivia como fugitivo no seu próprio país. Depois da Primeira Guerra Mundial, o Líbano e a Síria passaram a ser ocupados por colonialistas europeus. Daí que meu pai foi um anticolonialista radical. Minha formação política veio dele, desses episódios que ele contava. Ele e minha mãe [Chafika Cassis] vieram para cá casados, em 1920. Ao chegarem, venderam as alianças para começar a vida. Minha mãe ficou em casa de parentes em São Paulo, enquanto meu pai se mandou para Campos, no estado do Rio de Janeiro, onde tinha seus parentes. Foi então alfabetizado em português por um negro. Concluindo: meu pai não tinha nada a ver com aquela personagem paterna de *Lavoura arcaica*”.

Família libanesa, figura paterna – é a deixa para falar de literatura. De uma novela como *Um copo de cólera*, em que uma banal discussão entre amantes (que, no entanto, tem ressonâncias sociais, pois envolve a relação patrão-empregado) deflagra uma torrente verbal de desejos reprimidos e ressentimentos, transferindo para a linguagem uma violência corpórea.

Ou de *Lavoura arcaica*, em que o tema bíblico do filho pródigo é invertido, fazendo do rebento que retorna ao núcleo familiar um desafio à ancestral ordem paterna, sob o signo transgressivo do incesto.

Raduan fala pouco sobre o processo de composição dessas obras. Quando começa a se empolgar, empaca de repente e diz “não importa...” – como se estivesse se censurando por quebrar o “voto de silêncio” feito décadas atrás. Conta que escreveu *Um copo de cólera* num surto, em 1970. “Morava na Granja Viana e escrevia de manhã até a noite. Um dia, faltou luz, acendi uma vela e continuei escrevendo. Levei quinze dias, mas a coisa estava fermentando havia muito tempo em algum nível da minha consciência e de repente veio essa febre de escrita”.

Mas ele demorou para publicar a novela, que só sairia em livro oito anos depois: “A coisa ficou parada. Em 1978, resolvi publicar. Aí... não importa”.

Apesar de não discutir as interpretações de sua obra e de afirmar que leu somente algumas das inúmeras teses sobre sua literatura, Raduan discorda de duas ideias frequentemente associadas a *Lavoura arcaica*: a de que se trata do grande livro sobre imigração libanesa no Brasil e a de que é um romance rural. “A ênfase na imigração é mínima e não sei se é exatamente um romance rural. O pensamento que corre no livro é urbano, lida com conceitos que não são da área rural. Isso não está nem em André [protagonista do romance], nem na figura do pai, que em dado momento faz um discurso sobre o tempo que pouco tem do universo rural”.



Raduan Nassar recebe o ex-presidente Lula na fazenda Lagoa do Sino, em 2016 (Foto: Ricardo Stuckert)

Se Raduan faz questão de ressaltar as diferenças entre seu pai “empírico” e o *pater familias* do clã libanês da narrativa, ele também diz que a epilepsia de André só é remotamente inspirada nas convulsões que o acometeram na adolescência, levando-o a ser examinado pelo neurologista Paulino Longo. E como, por coincidência, Paulino Longo dá nome a uma rua do Sumaré que fica a alguns passos da casa deste entrevistador, a

desastrada menção dessa curiosidade é o pretexto para que o recalcitrante entrevistado desconverse...

Mas a pergunta fatal não poderia faltar. A isca é elaborada com um pequeno arsenal de clichês da teoria literária, na tentativa de fisgar esse grande leitor que é Raduan:

“*Lavoura arcaica* é o último grande livro dentro da tradição dos romances que – de Euclides da Cunha a Guimarães Rosa, passando pelo regionalismo – mergulharam nas raízes patriarcais da cultura brasileira. Já *Um copo de cólera* pode ser lido como ponto culminante dos romances de sondagem interior, dentro daquela linhagem que inclui Lúcio Cardoso, Clarice Lispector e Hilda Hilst. O fato de ter escrito livros que dão desfecho aos dois grandes veios (rural e o urbano) da literatura brasileira moderna não seria o motivo de seu silêncio, como se você tivesse concluído um ciclo?”

A resposta de Raduan desmonta qualquer clichê crítico, descarta a isca e quebra o anzol com uma parábola marítima: “Um de meus livros preferidos, e que até invejo, é *O velho e o mar* [de Ernest Hemingway]. Se você se lembra, após lutar contra um peixe enorme durante dias e dias, num esforço descomunal, o que o pescador traz de volta é uma carcaça. Foi um sentimento de fracasso que me fez parar de escrever. Afinal, quando abandonei a literatura, eu era um autor encalhado.”

No livro de Hemingway, como se sabe, o peixe fogado e rebocado pelo pescador cubano Santiago acaba sendo devorado por tubarões durante o trajeto – numa pungente alegoria do trabalho e do destino. E é com essa imagem que o autor do ensaio “A corrente do esforço humano” – único texto não ficcional incluído na Obra completa de Raduan Nassar – resume o modo como enxerga o destino de seu trabalho literário e, talvez, de todo o esforço humano.